



## Os rastros da cultura do fumo de corda na região da Colônia Santa Isabel

**Leonir Pedro Braun<sup>1</sup>**

O fumo de corda se constitui numa cultura ou em uma tradição passada de pai para filho na antiga localidade de Vargedo, atual município de Leoberto Leal, interior do estado de Santa Catarina. E lá, nosso principal personagem deste texto é Alois Adão Braun.

Alois Adão Braun, nasceu em 27.10.1938, no distrito de Vargedo, então município de Nova Trento/SC, atual município de Leoberto Leal/SC. Era filho de Adão Braun<sup>2</sup> e de Elizabeth Filippus<sup>3</sup>. Foi o sétimo de uma família de nove filhos. Pessoa humilde que tirava o seu sustento da agricultura do fumo de corda e de um engenho de farinha de mandioca. Ainda menino estudou até o quarto ano do primário na Escola Reunida do Vargedo. Aos 21 anos de idade, no dia 25.05.1956, na localidade Rio Emilianos, município de Leoberto Leal/SC casou-se com Anita Gomes do Amaral<sup>4</sup> com quem formou família.



Fig. 1: Alois Adão Braun, em 1984. Acervo do autor.

<sup>1</sup> Leonir Pedro Braun é Graduado em Geografia e Sociologia pela Uniasselvi de Indaial e Ituporanga; pós-graduado em Geografia e Sociologia pela Facvest de Lages/SC; pós-graduado em Gestão Escolar pela Faveni, do Espírito Santo; professor efetivo de Geografia e Sociologia da rede estadual de educação, atuando na E.E.B. Frei Manoel Philippi, em Imbuia/SC. Contato: [lpbxuxu@gmail.com](mailto:lpbxuxu@gmail.com)

<sup>2</sup> Adão Braun, filho de Luiz Braun \*06.09.1869, Teresópolis, e de Maria Kreuzsch \*30.07.1896. Neto paterno de Caspar Braun e Margarida Junk e neto materno de Henrique Kreuzsch e Ana Maria Brück.

<sup>3</sup> Elizabeth Filippus, filha de Bernardo Filippus \*12.08.1872, em Teresópolis, e de Helena Haskel \*20.02.1876. Neta paterna de Traugott Philippus e Ana Inês Alfren e neta materna de Mathias Haskel e Elizabetha Petri.

<sup>4</sup> Anita Gomes do Amaral, filha de Pedro do Amaral Júnior e Anastácia Kreuzsch.

Alois era bisneto do imigrante alemão, Caspar Braun<sup>5</sup> – nascido em 24 de fevereiro de 1822, em em Volkach - Kitzingen, Baviera Renana (atual Alemanha). Sendo filho de Michel Braun e Margaretha Schmidt.

Caspar Braun veio da Alemanha casado com Barbara Wolf, com 2 filhos: Regine (\*1852) e George (\*1856). Foram instalados na Colônia Blumenau, onde nasceu mais uma filha do casal, chamada Margarida (\*1863), e onde faleceu Bárbara Wolf, em 1864.

Ficando viúvo, Caspar Braun casou novamente em 17 de agosto de 1865, com Margarida Junk (viúva de Franz Knoth), em Blumenau. Desta união nasceram os filhos: Barbara (\*1867); Augusto (\*1868) e **Luiz (\*1868)** – de quem o autor deste artigo descende.

Caspar Braun e Margarida Junk faleceram por volta de 1893, em Blumenau. Nesta época, seu filho Luiz deixa a região de Blumenau para instalar-se em Angelina, onde contraiu matrimônio em 30 de julho de 1896, com Maria Kreusch. Sendo estes os avós paternos de Alois Adão Braun.

Nesta primeira metade do século XX a família de Luiz Braun instalou-se na região de Leoberto Leal, onde morou em várias localidades do interior do município, entre elas Rio Emiliano e Arroio do Rancho – lugares que foram povoados também por famílias provenientes das antigas colônias Santa Isabel e Teresópolis. Ali, a família sempre se dedicou ao plantio do fumo de corda, uma tradição passada de pai para filho, até se mudar para o centro do município de Leoberto Leal.

A mudança para o centro de Leoberto Leal ocorreu no ano de 1972. Lá ele construiu um salão de baile o qual foi denominado de “25 de maio” (nome dado em homenagem a data do casamento entre Alois Adão Braun e Anita do Amaral Braun); o sucesso foi tanto com seus bailes de Chopp, que lhe rendeu o apelido de “Zé Bétio” – “Salão do Zé Bétio”. No ano de 1976, Alois, tentou uma vaga à Câmara Municipal de Leoberto Leal; não se elegeu, ficou com a segunda suplência pelo o partido político ARENA<sup>6</sup>.

Os bailões acabaram, mas a sua alegria, não! Ele sempre era dos animadores principais das festas das quais participava; contudo, era muito religioso! Católico assíduo e participante, fundador e um dos mais fervorosos membros do Apostolado da Oração da localidade de centro de Leoberto Leal, na igreja matriz Sagrado Coração de Jesus.

Em 2003, houve uma outra virada em sua vida. Vendeu seu salão de baile e foi viver no município de Imbuia/SC. Lá adquiriu uma casa nova, com uma área com 10 mil metros de terra, na qual ele continuou a plantar seu fumo de corda e criar alguns animais realizando, assim, seu sonho de velhice.

---

<sup>5</sup> Cabe registrar que no Brasil existem pessoas portadoras do sobrenome Braun espalhados em alguns estados, especialmente no Rio Grande do Sul e no Espírito Santo. Sabe-se da existência de outros ramos deste sobrenome, entretanto é desconhecido o vínculo de parentesco existente entre elas. As informações sobre genealogia foram obtidas na plataforma Familysearch.

<sup>6</sup> ARENA = Aliança Renovadora Nacional.



Fig. 2: Palheiro de Alois Adão Braun. Acervo do autor.

Mas, em 2005, adoeceu e foi diagnosticado com câncer no esôfago; depois de 22 meses enfermo veio a falecer no dia 03.10.2005, no Hospital do município de Imbuia, deixando muita saudade a amigos e familiares pelo seu exemplo de vida leve e simples. Foi sepultado no Cemitério Ecumênico de Leoberto Leal/SC.

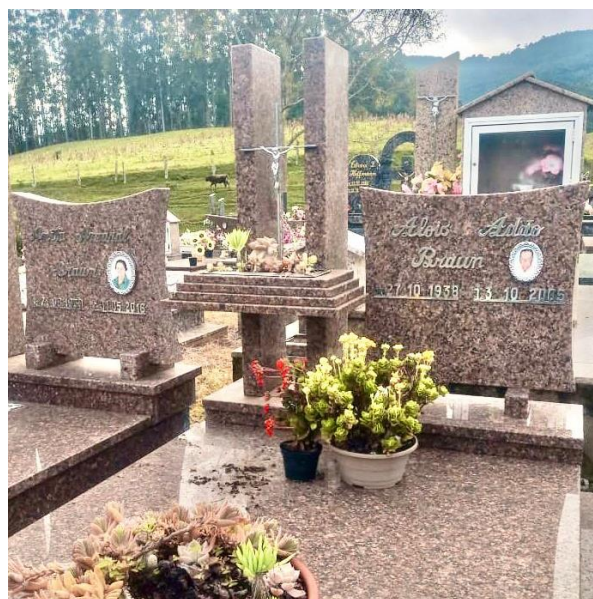


Fig. 3: Túmulo de Alois Adão Braun, no Cemitério Ecumênico de Leoberto Leal/SC, 2023. Acervo do autor.

Sobre a principal atividade econômica desenvolvida por Alois, relacionada ao plantio, cultivo e comercialização do fumo, notadamente do fumo de corda. Hoje o fumo de corda é cultivado em todas as partes do mundo. E numerosas são as variedades de fumos de corda, os métodos empregados e as finalidades comerciais e industriais.

O fumo aparece como uma das mais profundas raízes no Brasil, a matéria-prima é destinada quer a exportação quer a transformação em corda (fumos de corda), em cigarros, charutos e cachimbo.

Alois Adão Braun, partia regularmente da localidade de Vargedo, passando por Angelina (Rio Verde, Rio Novo e Rio Novo Velho), Rancho Queimado, Santa Isabel, até sair no Vale do Rio Cubatão, fazia isto vendendo seu fumo de corda pelo caminho.

## **Aspectos do fumo de corda**

A história do fumo de corda no Brasil começa muito cedo, bem antes da chegada dos europeus. A planta nasceu provavelmente, nos vales orientais dos Andes Bolivianos e se difundiu no atual território brasileiro através das migrações indígenas, sobretudo Tupi-Guarani<sup>7</sup>. Havia vários tipos de fumo de corda, mas apenas duas plantas eram usadas e cultivadas:

A nicotina tabacum;

A nicotina rústica.

Segundo Popygua (2016) o fumo para os índios tinha um caráter sagrado e como mandioca, o milho e muitas outras plantas, uma origem mítica. Seu uso era geralmente limitado aos ritos mágicos religiosos e como planta medicinal. Por isso era reservado unicamente aos pajés (feiticeiro). O fumo era utilizado para iniciação dos pajés e nas cerimônias tribais. Por meio dele, o pajé entrava em transe no qual contatará os deuses, espíritos, almas dos mortos, ou ainda predizia o melhor momento para ir à caça, viajar ou atacar o inimigo.

Como planta medicinal curava as feridas, enxaquecas as dores do estômago. E tinha diversos outros hábitos, como seus usos diferentes para o fumo entre os indígenas – comido, bebido, mascado, chupado, em pó e fumado – o hábito de fumar era ir mais relevante. Era fumado num tipo de charuto, chamado cangueira, folhas de fumo secas, enroladas numa folha de milho ou de palmeira, na forma de uma vela cujas dimensões iam de 6 a 60 cm.

No início de novembro de 1492, os companheiros de Cristóvão Colombo, viram pela primeira vez os índios fumar (POPYGUA, 2016). Então começaram a história de uma formidável expansão, em apenas um século o fumo de corda passou a ser conhecido e usado no mundo inteiro, expandindo-se de duas maneiras:

**1º através**, dos Marinheiros e dos Soldados, para que o fumo de corda era um bom meio de se passar o tempo durante os longos meses que duravam as viagens. E o costume de se mascar, introduzindo assim o costume nas camadas populares dos países europeus, da África e do oriente. O fumo de corda então usado era unicamente de corda.

**2º através**, já revela a importância do Brasil na difusão do fumo de corda pelo mundo. Em 1530, após a expedição de Martim Afonso de Souza no sul do Brasil, um donatário português. Luiz de Góis em 1542 levaram a planta a Portugal e a história prosseguiu<sup>8</sup>.

---

<sup>7</sup> Fonte: Glossário Tupi Guarani. Fonte: <http://biblioteca.funai.gov.br/media/pdf/Folheto43/FO-CX-43-2739-2000.pdf>. Acesso em: 20 ago.2023.

<sup>8</sup> Fonte: <https://www.sinditabaco.com.br/sobre-o-setor/origem-do-tabaco/#:~:text=TABACO%20NO%20BRASIL,car%C3%A1ter%20sagrado%20e%20origem%20m%C3%ADtica>. Acesso em: 27 ago. 2023.

## O homem do fumo de corda

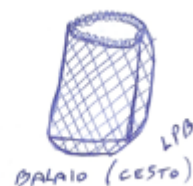
O homem do fumo de corda traz no peito o cheiro e a cor de sua terra, no rosto as marcas de seu trabalho no sol que não tem piedade e no coração a esperança e a certeza de que sobreviverá. Esse relato sobre a cultura do fumo de corda, conta a história de vida de um homem que viveu plantando, vendendo e fumando fumo de corda esse homem foi um tropeiro nato, com o nome de batismo colocado por seu pai de Alois Adão Braun, mais conhecido como “Zé Bétio do fumo de corda”, de toda a região de Leoberto Leal.

Seu pai Adão Braun já fazia o fumo de corda nas décadas de 1940 e 1950, só para o seu consumo e para a família, mas o Zé Bétio, seu filho mais velho, tornou-se um grande “Pixurum”, como eram denominados os Tropeiros do fumo de corda. Eram homens que levavam esta mercadoria principalmente para a região de Santa Isabel e Vale do Cubatão.

## Dicionário do fumo de corda

Dicionário é uma compilação completa ou parcial das unidades de uma língua de certa categoria específica organizada numa ordem convencional.

1. Canteiro: local onde se coloca as sementes do fumo de corda, espécies crioulas: goiano, azulão, Jorginho; a mais famosa em nossa região é a ponta de lança.
2. Roça: local onde é feito no mochão para colocar as mudas do fumo de corda, onde fica até a época da colheita.
3. Balaio: uma vasilha feita de taquara para levar as mercadorias de um lugar para outro.
4. Destalada: esse processo de retirada da nervura central da folha do fumo de corda.
5. Malas: são colocadas as folhas sem a nervura central do seu colo, onde são levadas para ser dependuradas.





6. Dependurar: processo pela qual a folha é levada em forma de malas para o galpão para ser dependuradas para murchar por 15 dias.



7. Sarilho: peça de madeira, cilíndrica como manivela nos extremos para enrolar a corda do fumo enquanto está sendo traçado.



8. Corda: folhas do fumo de corda trançadas uma a uma até se tornar uma corda, aí trança três pernas da corda para no final se tornar apenas a grossura de uma.



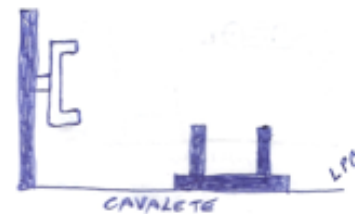
9. Taco ou sarilho: vara de madeira onde coloca o fumo de corda no sol e é utilizado para virar o fumo de corda da burra para o cavalete.



10. Burra ou Cambotá de cochar o fumo: peça de madeira colocada na parede para que junto com o cavalete faça o processo de embalagem do fumo.



11. Cavalete: peça de madeira colocada no chão de frente com a burra peça fundamental para melagem do fumo.



12. Manícula: usada para movimentar o cavalete, para enrolar o fumo de corda no taco, no processo de passe da burra para o cavalete uma vez por dia.



13. Jacá: fumo de corda já curado 45 a 90 dias para ser comercializado enrolada em taquara e palha de milho seco.



14. Cigarro de Palha ou Cachimbo: fumo de corda picado com uma faca ou canivete enrolado em uma palha de milho seco, ou colocado dentro de um cachimbo acesso com fogo e tragada.



## Como é produzido o fumo de corda?

As variedades cultivadas em canteiros pertencem ao grupo “Criolo” entre elas: o goiano, azulão, Jorginho, ponta de lança, além de muitas outras. Dos canteiros são levados para o mocho feito na roça onde fica as folhas, grande em encorpadas e ricas em viscosidades São colhidas quando atingem plena maturação.

São transportadas por balaio carregados no ombro ou em lombo de cavalos, levado para casa onde é feito a separação das nervuras centrais (destaladas) as folhas são colocadas nas pernas, na coxa, são feitas as malas daí são levadas para ser dependuradas em galpões ou em ranchos por 15 dias, para murchar acentuada, sendo então levada para um sarilho para formar a corda. As folhas são enroladas para formar a corda, que varia entre 4 e 8 folhas usadas conforme a grossura desejada da corda.



Fig. 5: Galpão de pendurar as folhas de fumo para murchar, na localidade de Rio Emiliano, Leoberto Leal/SC, 1982. Acervo do autor.



Fig. 6: Sarilho: máquina para enrolar as folhas de fumo. Imagem da Internet.

de três mais cordas finais).

O movimento de torção é dado por duas ou três pessoas, colocando a corda no chão espalhando entre três cordas e torcendo até ficar bem apertado. Ali é levado para o cavelete e para burra, onde 60 a 90 dias o fumo de corda é curado ao sol. Nesse período a corda é torcida várias vezes passando de um taco (Pau) para outro, enquanto se torce a corda, para escoar a água e as substâncias gomosas que formam o mel e reduzir o diâmetro, dependendo da grossura final (associação torcida

Depois desse processo é comercializado em Jacá<sup>9</sup>, comumente de cor negra, pela riqueza de nicotina que pesa de um ½, 1, 1½, 2, 2½, 3, 3½ kg enrolados em taquaras e palha de milho seco.

O fumo de corda é um tipo de tabaco torcido e enrolado normalmente utilizado para confeccionar cigarro de palha, picado com uma faca ou canivete enrolado em palha de milho.



Fig. 7: Fumo em corda pronto, Casa Comercial Franzen, Rio Novo – Angelina/SC, 1988 (Acervo do autor).

São quatro meses de trabalho, feito com muita dedicação, meu pai plantava muito fumo de corda e fazíamos o “Pixurum da quebrada”, quando se reuniam pessoas com o objetivo de recolher o fumo e estalar. Esta ação reunia, em torno da cultura da região em diversos setores da comunidade. Era um evento itinerante realizado na cidade de Leoberto Leal e região. No pixurum várias pessoas da comunidade se juntavam para ajudar quem estava precisando de mão de obra massiva, a forma de pagamento era uma janta regrada à muita dança. Era cativada assim a solidariedade humana em espírito comunitário.

O pixurum era um evento bastante comum em épocas passadas, também se fazia presente nas antigas colônias, como Santa Isabel, Angelina e Teresópolis, e não era exclusivo à cultura do fumo de corda, mas sim em outras culturas, trabalhos de aberturas de novas lavouras, construções de casas e galpões, etc..., pois a solidariedade entre os vizinhos era muito forte, este tipo de ajuda facilitava as atividades que exigiam maior concentração de mão de obra nas propriedades rurais.

---

<sup>9</sup> Fumo de corda já pronto para venda, enrolada em taquara e palha de milho seco para ser comercializado



Antigamente o fumo de corda era colhido maduro (amarelado) na roça, era estaleirado (estendido na cerca ou em taquaras) no tempo, apanhado sol e chuva e estalado seco (manualmente dobra a folha e retire o talo do meio). Atualmente o fumo de corda é colhido da roça maduro (amarelado), transportado para o rancho em seguida estalado verde (manualmente dobra as folhas e retiram os talos do meio), depois já é



Fig. 8: Alois Adão Braun em sua roça de fumo de corda, Rio Emiliano, Leoberto Leal/SC, 1993 (Acervo do autor).

estaleirado (estendido em taquaras nos ranchos). Depois de seco confeccionadas tripas (confeção de cordão com as folhas secas e enroladas) que entrelaçando-as formam uma corda que enrolando no burrico (burrinho, máquina feita de madeira artesanalmente em que vai enrolando a corda do fumo) formando o rolo. O rolo é retirado através de máquinas apropriadas e passado

para um pau de fumo de corda que é posto no sol e virado nas máquinas apropriadas o fumo é transferido de um pau para outro diariamente posto no sol para o processo de cura (eliminação de umidade) após curado é cortado em picadeiras desfiado, secado e embalado, quando guardado em estoque embolado (em máquinas especiais as cordas do fumo são armazenados em formas de bolas ou círculos) comumente chamado de pão



Fig. 9 e 10: Fumo de corda sendo preparado para venda. Leoberto Leal/SC, década de 1990. Acervo do autor.

também são feitas em várias jacás (rolos pequenos de fumo de corda) guardados em local protegido do vento, sol, claridade, chuva para não haver quebra (perda total de umidade e odor).

A Safra, vai de dezembro até junho, porém todos os agricultores de Leoberto Leal e região que sobreviviam do fumo de corda vendiam seus rolos durante o ano, o fumo de corda é encontrado picado embalado nos comércios que vendem e revendem o produto.

O comércio do fumo em corda é realizado nas seguintes peças: rolos de fumo de corda, jacás, pão (bolas) e pacotes de fumo picado.

### **O “Pixurum” ou “Pixurão” do fumo de corda**

Trata-se de uma reunião de famílias de produtores rurais para auxiliar os vizinhos no trabalho agrícola, era dividido geralmente em cinco etapas: a derrubada, roçada, o almoço, volta ao trabalho e o fandango. O pixurum iniciava com o convite aos vizinhos para uma tarefa específica com data marcada e na propriedade do agricultor que precisava do mutirão os participantes. Já pela manhã apresentavam-se com as ferramentas adequadas ao serviço que seria desenvolvido. Traziam enxadas, foices e machados (ferramentas usadas para o trabalho na roça e na colheita do fumo de corda) necessária para desenvolver atividade. O dono do pixurum tinha a função de “patrão”, era quem coordenava os trabalhos do início ao fim. Outros preparativos para o pixurum, como o preparo da alimentação (cuca e outras iguarias) e bebidas iniciavam com bastante antecedência da data de realização do evento.

Durante as atividades desenvolvidas no pixurum, os vizinhos às vezes dois ou três de cada família, iniciavam o trabalho numa formação frontal, um ao lado do outro formando que se denomina de eito (uma parte). Na Capina ou na colheita do fumo de corda, alguns participantes desenvolviam suas atividades com mais facilidades e se projetavam sobre os demais, formando uma meia lua na frente do companheiro que ficava para trás e era feito o chamado “chiqueiro”. Isso era motivo de muita farra para os que não ficavam enchiueirados.

Durante as atividades do pixurum desenvolviam-se cantos e versos, muitos deles que remetiam aos seus antepassados, era usados para animação do pessoal e todos participavam da cantoria.

Ao meio-dia, na primeira parada todos se reuniam numa boa sombra, para beber caipirinha, cachaça pura, chimarrão, tocar violão, gaita e pandeiro, e eram proferidos versos de improviso, que quase sempre envolvia humor e também fumar aquele palheiro ou cachimbo. Quando parava a música, alguém continuava, durante a hora de descanso cantando causos normalmente de assombração, mula sem cabeça, homem sonâmbulo, bola de fogo, entre outros ou de coragem, de bravura que sempre envolvia o contador levando vantagem.

Ao pôr do sol concluíam os trabalhos e dirigiam-se aos galpões, onde eram recebidas com comida, bebida e música. Na sala de danças formavam-se todos os pares e se esperavam pelo verso cantado e depois desse começava o fandango, onde não podia se negar uma marca na dança. O término da festividade era simbolizado com o compromisso do “patrão” em participar dos pixuruns que seriam realizados pelos demais participantes.

## Tropeiro do fumo de corda

A cultura do fumo de corda foi destaque na economia do município de Leoberto Leal e região por algumas décadas, pelo menos entre 1960 a 1990. Era chamado de Ouro Negro por muitos agricultores que conseguiram pagar suas contas com a venda de fumo de corda. É fato que a cultura do fumo de corda prosperou famílias inteiras passadas de geração para geração. Para o caso dos Braun, construiu sua riqueza através do plantio,

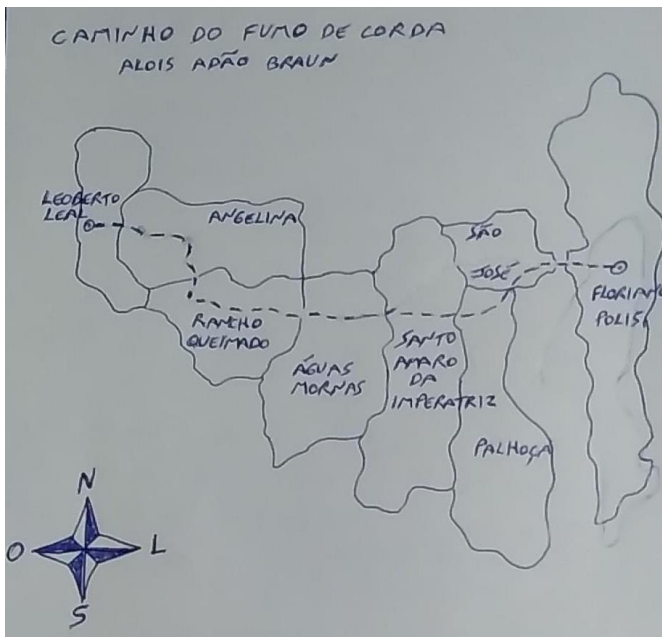


Fig. 11: Monumento aos tropeiros, Leoberto Leal/SC, 2020 (Acervo: Toni Jochem).

do cultivo, da venda do fumo de corda. A movimentação dessa cultura ainda está viva em nosso município e região, porém com menor destaque, quase inexistente, a comercialização acaba sendo entre vizinhos e não mais para longe.

Em décadas passadas, os comerciantes, entre eles Alois Adão Braun, que saía com o seu cavalo baio bem encilhado e mais dois cavalos, com dois balaios cada, carregados de fumo de corda, com seus jacás bem organizados em peças de meio quilo, 1 kg, 1 kg e meio, 2 kg, 2 kg e meio, 3 kg.

Tudo coberto com taquara e palha de milho. Fumo bem forte e mais fraco de todos os gostos.



Saía de Leoberto Leal sentido Angelina, passando pelas comunidades de Rio Verde, Rio Novo e Rio Novo Velho, lá ele entrava no município de Rancho Queimado, passando por Mato Francês, Taquaras, para então tomar a "Estrada velha" que descia até Águas Mornas, Santo Amaro da Imperatriz, Palhoça, São José com destino a Florianópolis. A viagem durava duas semanas, uma para ir e outra para voltar, pois ele ia ofere-

cendo indistintamente em cada "Venda" (pequena casa de comércio) ao longo do cami-

Fig. 12: Desenho do autor ilustrando o caminho percorrido pelo "Tropeiro do fumo de corda" passando pelo entorno da Colônia Santa Isabel.



O trajeto percorrido pode ser entendido como um dos “ramais” que se unia à antiga estrada que foi responsável pela fundação e formação da Colônia Santa Isabel – que era um importante centro econômico em sua época. A estrada utilizada principalmente pelos tropeiros, ligando a capital do estado com Lages, décadas mais tarde deu forma para décadas mais tarde ser implantada a rodovia BR 282.



Fig. 13: Monumento ao tropeiro, Taquaras, Rancho Queimado/SC, 2012 (Acervo: Toni Jochem).

Quando caía a noite, chegava numa casa e pedia pouso, onde ganhava a janta, dormitório, ca fé da manhã e um lugar para os animais descansarem e se alimentarem. Havia solidariedade e confiança. Na volta trazia mercadorias, entre elas: trigo, açúcar, querosene e sal para serem vendidas nos armazéns das cidades de Angelina e Leoberto Leal, nos comércios na beira da estrada de todo o trajeto que corta os municípios de Leoberto Leal, Angelina e Rancho Queimado. Assim constituía-se a rotina deste conhecido tropeiro.

É importante destacar que o fumo em corda não era utilizado somente para fumar. Em uma época onde era escassa a disponibilidade de defensivos agrícolas, o fumo em corda era utilizado como matéria prima na fabricação de caldas que auxiliavam na produção de hortaliças na região, principalmente como inseticida natural.

O meu velho pai Alois Adão Braun nunca usou veneno em seu fumo de corda e em sua produção de subsistência, usava uma calda de fumo cuja a receita era:

#### INGREDIENTES

- 200 g de fumo de corda
- detergente neutro ou adesivo espalhante

#### MODO DE PREPARAR

- ponha um litro de água fervendo.
- Desmanche o rolo de forma que fique solta as folhas que o compõe.
- Quando a água estiver fervendo adicione o fumo e deixe permanecer em fervura por 5 minutos.
- Deixe a mistura esfriar e coe em tecido fino.
- Adicione a essa calda 5 gotas de detergente ou 20 ml de adesivo espalhante.
- Acrescente 9 litros de água aplique à vontade. A fervura do fungo e para evitar a infestação de fungos ou bactérias que por ventura esteja no fumo.



## **Males causados pelo uso do fumo de corda (tabaco)**

O cigarro de Palha tem entre 5 e 7 vezes mais nicotina e alcatrão que os cigarros industrializados, além de outras substâncias tóxicas. Com o nível de nicotina é mais elevado, o risco de dependência também cresce.

Independentemente de serem industrializado ou de palha, quando fumante da sua tragada, a nicotina é absorvida pelos pulmões e vai para o cérebro. Ela atinge o sistema nervoso central e, num primeiro momento eleva o humor e diminui o apetite, com o tempo causa dependência. Para quem não traga o cigarro de palha é especialmente perigoso por aumentar o risco de câncer de boca, que afeta lábios inferior da cavidade oral. Dentro da boca, devem ser observados gengivas mucosas jugal (bochechas) palato duro (céu da boca) e a língua (principalmente as bordas), assoalho (região embaixo da língua).

O consumo do fumo de corda (tabaco) causa cerca de 50 tipos de doenças principalmente cardiovasculares, (infarto, angina, derrame), o câncer e as doenças respiratórias (enfisema e bronquite). O câncer de pulmão é o segundo que mais mata homens no Brasil, atrás apenas do de próstata. Entre outros problemas, o tabagismo causa impotência sexual, complicação na gravidez, úlcera do aparelho digestivo e infecção respiratória, aneurisma, osteoporose, trombose vascular, envelhecimento precoce da pele, infertilidade, menopausa precoce e dismenorreia (sangramento irregular).

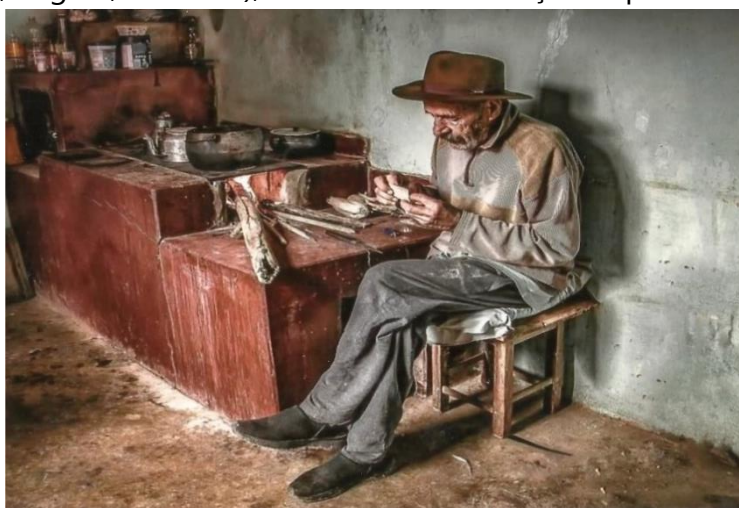


Fig. 14: Camponês brasileiro elaborando um palheiro junto ao fogão de lenha. (Imagem da Internet).

## **Considerações finais<sup>10</sup>**

A cultura do fumo de corda se une aos fatos históricos referentes ao tropeirismo, assim como a inserção sutil desse legado cultural na região da colônia Santa Isabel e seu entorno, por onde se fez presente a voz e os feitos de um dos tropeiros do fumo de corda, chamado Alois Adão Braun.

<sup>10</sup> Agradeço as colaborações de Toni Jochem, Jonas Bruch, Diego Fernando da Silva, Sebastião Germano Braun (tio) e Ivone de Oliveira Braun (esposa), durante o processo de elaboração do presente artigo. A todos o meu obrigado! No intuito de buscar mais informações sobre a família Braun, escrevi para a genealogista Helga Michel Braun, da Alemanha, no entanto sem informações conclusivas sobre a genealogia de Caspar Braun até o momento.

O tropeiro do fumo de corda foi também responsável por estabelecer as comunicações entre a diversidade cultural apresentada nos diferentes espaços ocupados por imigrantes e seus descendentes possibilitando que essas povoações construíssem suas identidades ao longo de décadas. Assim, o fumo de corda na sua atividade de cultivo, transporte e comércio construiu uma realidade em que se criava, recriava e fortalecia elos culturais.

Através de ricas experiências e da inteiração ao longo dos caminhos da colônia Santa Isabel e seu entorno a presença de Alois Adão Braun se tornou constante. Muitos usufruíram da sua companhia nos locais de pouso ou nas viagens, tornando-as sobretudo menos árdua.

A identidade cultural do fumo de corda, do seu movimento e comércio é notória na maioria das cidades localizadas no entorno da colônia Santa Isabel, sendo marcante na constituição social o hábito de fumar um bom fumo de corda em décadas não tão distantes. Assim, Alois Adão Braun fez história e deixou para as futuras gerações seu legado de trabalho, decência e dignidade.

## **Referências**

BRAUN, Helga Michel. **Correio eletrônico**. [informações sobre Caspar e Michel Braun], 2023.

BRAUN, Leonir Pedro e GOEDERT, Sidney José. **Leoberto Leal: História de uma terra e sua gente de Vargedo a nossos dias**. Blumenau: Editora Odorizzi, 2008.

BRAUN, Leonir Pedro. **Meine Familien – História e Genealogia da família de Adão Braun**. Curitiba: Editora Estrada de Papel, 2023.

**FAMILYSEARCH**. Disponível em <https://www.familysearch.org/>. Acesso em: 09 set. 2023.

Glossário Tupi Guarani. Disponível em: <http://biblioteca.funai.gov.br/media/pdf/Folheto43/FO-CX-43-2739-2000.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2023.

POPYGUA, Timóteo da Silva. **Verá Tupã. Guarani a terra uma só**. São Paulo: Editora Hedra, 2016.

SINDITABACO. Disponível em: <https://www.sinditabaco.com.br/sobre-o-setor/origem-do-tabaco/#:~:text=TABACO%20NO%20BRASIL,car%C3%A1ter%20sagrado%20e%20origem%20m%C3%ADtica>. Acesso em: 27 ago.2023.

## **Como citar este artigo**

BRAUN, Leonir Pedro. **Os rastros da cultura do fumo de corda na região da Colônia Santa Isabel**. Páginas da Colonização: Estudos/subsídios históricos sobre a Colônia Alemã Santa Isabel – 175 anos de Fundação, 2024. Disponível em: <http://tonijochem.com.br/artigos-paginas-da-colonizacao/>